

DIÁLOGOS COM DISCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E RELAÇÃO FAMILIAR NA PUBERDADE

André Santos Andrade (1); Beatriz Rodrigues Lino dos Santos (1); Marcos Lopes de Souza (2)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – andreandrade.s@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho se trata de um recorte oriundo de pesquisa que objetivou analisar e discutir o entendimento de um grupo de alunos/as sobre a puberdade e os fatores relacionados a estas modificações. Dentro dessa temática mais abrangente, será discutido sobre como a família aborda a puberdade e o que os/as discentes pensam sobre diversidade sexual. Para a concretização do trabalho foi elaborado e desenvolvido um minicurso realizado em 5 encontros, na disciplina no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UESB. A obtenção de material empírico se deu por meio da análise do diário de bordo e entrevistas semiestruturadas aplicadas no último encontro. Durante a execução do minicurso, os/as discentes se mostraram tímidos/as em trabalhar tais assuntos, apesar do interesse pelo tema. Eles/as relataram que ainda têm restrições em dialogar com a família sobre a puberdade e relação sexual. Sobre a diversidade de gênero e sexual, embora alguns/algumas deles/delas tenham reconhecido a importância do reconhecimento das diferenças, ainda estranharam ver, por exemplo, dois homens se beijando.

Palavras-chave: Puberdade, sexualidade, escola, adolescência.

Introdução

Compreender a adolescência é compreender as dúvidas, incertezas, obstáculos e divergências que os adolescentes e os jovens enfrentam no decorrer de seu amadurecimento.

Há várias compreensões sobre a adolescência. Uma delas é a de que adolescência é caracterizada como uma fase ou período de transição da infância para a fase adulta, onde o indivíduo passa por mudanças e adaptações que o direcionam para essa nova fase. Para o Estatuto da Criança e Adolescência a adolescência é um período que vai dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 1990), entretanto, esse período por si só não direciona o jovem a fase adulta, sendo necessária a participação de outros diversos fatores. “A puberdade não é, portanto, sinônimo de adolescência, mas uma parte dela” (LOURENÇO; QUEIROZ, 2010 p. 70), além de

desenvolvimento mental, emocional e social. A adolescência é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade (SCHOEN-FERREIRA et al., 2010).

Diferentemente do que muitos pensam, a puberdade e a adolescência são coisas distintas, a puberdade é caracterizada pelas mudanças biológicas que se manifestam na adolescência, e representam, para o ser humano, o início da possibilidade reprodutiva, caso desejem. Segundo Cavalcanti (1988, p. 9) “a puberdade é um conceito biológico, enquanto adolescência é um conceito sociológico”. Schoen-Ferreira et al. (2010, p. 277) afirmam que a puberdade refere-se aos fenômenos fisiológicos, compreendendo as mudanças corporais e hormonais, enquanto a adolescência diz respeito aos componentes psicossociais desse mesmo processo. Puberdade e adolescência estão interligadas, a puberdade é tida como a mudança biológica e visível, responsável pelo descobrimento da sexualidade e amadurecimento do corpo durante a adolescência, que é tida como o momento de amadurecimento e desenvolvimento de sua individualidade psicossocial e sua inserção na sociedade adulta, dentro dos aspectos econômicos, profissionais e sociais, sendo a adolescência de uma “fase de reestruturação do “núcleo do eu”, quando as estruturas psíquicas/corporais, familiares e comunitárias sofrem mudanças conflitantes” (BOCK, 2007; p. 65), em que o indivíduo começa a perceber sua relevância e posicionamento na sociedade, abandonando os laços infantis, passando a se posicionar perante decisões por meio de atitudes não esperadas, quando considerado criança. Bock (2007) afirma que lutos e fragilidades psíquicas afloram neste período em que o adolescente tende a buscar autonomia, liberdade, prazer e status, chegando a agir em alguns casos de maneira compulsiva e agressiva, não sendo isso uma regra, pois a forma que os adolescentes lidam com as mudanças que ocorre nessa etapa são subjetivas.

A sexualidade é um importante aspecto no crescimento e amadurecimento do ser humano, por meio dela, cada indivíduo único indica suas predileções, propensões ou experimentações no âmbito sexual no decorrer da construção de sua identidade ela é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (LOURO, 2000). A puberdade muitas vezes é definida como a fase em que as alterações cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida ocorrem (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003; SANTOS, 2005), ou seja, a sexualidade se aflora, a busca por diversos tipos de prazer se intensifica, envolvendo descobertas proporcionadas pelo toque, contato, atração e desejo.

A sexualidade nas escolas vem sendo abordada de acordo com os aspectos dualistas referente ao sexo biológico. “Todos os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens, homens e mulheres” (LOURO, 2000, p. 60), direcionando o entendimento entre o certo ou errado, aceitável ou não, próprio do sexo ou do sexo oposto, tornando a escola um lugar de segregação de diferenças comportamentais, baseadas no sexo, tornando a puberdade um período ainda mais caótico, por ser uma fase de descobrimento, formação e amadurecimento pessoal.

Diversas metodologias educacionais são postas em prática com o intuito de escolarizar os/as estudantes em relação à sua sexualidade e seu próprio corpo, com finalidade de direcionar a sexualidade somente a função reprodutiva e de desejos sexuais.

Observar os corpos de meninos e meninas; avaliá-los, medi-los, classifica-los. Dar-lhes, a seguir, uma ordem; corrigi-los sempre que necessário, moldá-los às convenções sociais. Fazer tudo isso de forma a que se tornem aptos, produtivos e ajustados - cada qual ao seu destino. Um trabalho incessante, onde se reconhecem - ou se produzem - divisões e distinções. Um processo que, ao supor "marcas" corporais, as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças (LOURO, 2000, p. 61).

Diante das lacunas e das problemáticas ainda presentes no ensino da sexualidade e a própria discussão sobre a puberdade no ensino de ciências e biologia, surgiu a proposta de desenvolver uma ação que discutisse sobre a puberdade e englobasse os aspectos socioculturais de como os/as adolescentes lidam com as mudanças em seu corpo.

Portanto, este artigo é um recorte do trabalho monográfico que objetivou identificar e analisar os significados dados pelas/os estudantes para os aspectos envolvendo a puberdade e a diversidade de gênero e sexual e as aprendizagens sobre as temáticas construídas por meio do minicurso.

Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois está preocupada em trabalhar com as ideias, sentimentos, sentidos dos sujeitos sobre as temáticas em questão, enfim, volta-se para as subjetividades (MINAYO, 2002). Este trabalho foi elaborado durante a disciplina Metodologia e Prática do Ensino de Biologia oferecida no último semestre do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UESB, *campus* de Jequié-BA. Dentre as atividades de estágio desta disciplina, uma delas consiste em construir e desenvolver, na escola, um minicurso para estudantes do ensino médio. Portanto, o minicurso construído foi intitulado "Desvendando a puberdade: Corpo e Tabus". Esta ação educativa foi desenvolvida em uma escola estadual de ensino médio de um bairro periférico da cidade de Jequié-BA com um grupo de 24 alunos/as com idades entre 14 e 20 anos. A atividade ocorreu em 5 encontros de 4 horas cada, totalizando 20 horas de carga horária no turno oposto ao das aulas desses/as estudantes do turno matutino.

Os instrumentos eleitos para construção do material empírico foram: a) entrevista semiestruturada feita em grupos focais, que, segundo Flick (2009), é caracterizada por um grupo convidado a participar de uma discussão para produção de informações em referência a um tema de estudo específico e b) diário de bordo, sendo uma ferramenta utilizada para anotações contínuas, mantendo registros de suas impressões sobre fatos que ocorrem no decorrer da pesquisa, estudo ou análise. Vale salientar que todos os nomes utilizados nas análises são fictícios, preservando assim a identidade dos/as participantes.

Resultados e discussões

Neste texto analisaremos duas situações ocorridas durante o minicurso e que foram descritas no diário de bordo utilizando como instrumento de investigação. A primeira cena traz algumas discussões sobre a relação da família com os/as estudantes, em especial, sobre os diálogos em relação à puberdade. Abaixo descrevemos o trecho do diário:

Durante a temática “**puberdade e os pais**”, os alunos foram levados a se questionar e **relatar quem já havia tratado sobre o assunto com os pais. Foi unânime a resposta negativa, em que nenhum familiar jamais abordou algo da temática com eles, sendo a única interação dessa temática com as meninas quando ocorreu a primeira menstruação, isso por conta da compra do absorvente.**

Foi questionado o porquê da falta desse diálogo e os alunos foram direcionados a pensar se essa lacuna na conversa entre os familiares era somente unilateral (de pai/mãe pra filho/a). Após alguns minutos de reflexão, muitos/as afirmaram não dar espaço para suas famílias abordarem essa e outras temáticas relacionadas à puberdade, como mudanças no corpo, relação sexual, primeira menstruação, polução noturna, entre outros. Isso ficou nítido após serem questionados sobre “quais deles mudavam o canal e ou programa quando aparecia uma cena mais picante e íntima quando os pais se faziam presente Como resposta, a maioria da sala levantou a mão e relatou terem vergonha de falar sobre esses temas com a família (Diário de Bordo, **Grifos meus**).

Antes da puberdade, os jovens enquanto crianças possuem, muitas vezes, uma ligação bastante forte com seus familiares, entretanto, ao ingressarem na puberdade, não são raros os casos de afastamento entre pais/mães e filhos/filhas. Os/as adolescentes tendem a não dialogar com seus familiares acerca das mudanças de seus corpos, seja por buscarem sua autonomia ou por não se sentirem confiantes em fazer certos questionamentos. Em contrapartida, as famílias, talvez por não terem tido esse tipo de abordagem durante a juventude, evitam abordar tais temáticas com seus/suas filhos/filhas, e ao fim, as dúvidas e curiosidades referentes à puberdade continuam silenciados em casa. Isso pode ser explicado devido a um ciclo passado de geração em geração, em que, segundo Foucault (1998), o debate aberto sobre sexualidade é permitido apenas veladamente, tendo como único local reconhecido o “quarto dos pais”, encobrendo-se então todo o resto, escondendo-se os corpos e suas peculiaridades de acordo com as mudanças pelas quais esses perpassam.

Diante dessas inquietações passei a refletir o porquê de os familiares terem dificuldades em abordar a temática puberdade, menstruação ou sexo, ou porque tais temáticas são silenciadas em casa? Por que geralmente esses assuntos são facilmente discutidos entre os/as jovens e seus/as amigos/as e não entre eles/elas e seus familiares? Esses são apenas alguns de vários questionamentos que podem ser feitos com a finalidade de refletir e pensar sobre essas dúvidas, para, quem sabe, modificar a falta de abordagem dessas temáticas em casa.

Quando questionados/as sobre a abordagem do tema puberdade dentro do seio familiar, todos os/as alunos/as responderam negativamente, tendo como única ressalva a primeira ou a menstruação recorrente das meninas, isso devido à necessidade em se adquirir artigos de higiene pessoal. Quando questionados sobre o porquê dessa dificuldade em se falar abertamente tais assuntos, os/as alunos/as afirmaram que esses impedimentos ocorriam pela falta de abertura em dialogar por parte dos familiares.

[...] **alunos, em sua maioria, têm o hábito de buscarem informações mais em seus amigos que nos pais.** (Diário de Bordo, **Grifo meu**).

De modo geral, jovens ou não, temos a tendência em tirar dúvidas com pessoas de fora de nosso ciclo familiar, seja por vergonha em ser julgado, por medo em ser condenado, ou por não ter abertura para tratar certos assuntos, estamos sempre recorrendo a amigos/as para obtenção de respostas. A sociedade nos condiciona a ter essa atitude desde a juventude, principalmente quando temáticas relacionadas à sexualidade estão em pauta, por ser vista e disseminada como um tema “tabu” dentro do seio familiar.

Após os debates sobre a relação entre família e os diálogos sobre puberdade, os/as participantes perceberam e concluíram que também eram algozes de suas próprias penas, pois também possuíam responsabilidade nesses obstáculos, já que raramente procuravam os familiares para fazerem questionamentos, recorrendo em sua maioria a outros/as amigos/as para obtenção de respostas às suas inquietações.

Ao final do minicurso, os/as estudantes ainda afirmaram que têm dificuldades em dialogar com a família sobre algumas questões envolvendo a puberdade e as questões da sexualidade, dizendo não ter coragem de perguntar aos familiares sobre sexo e relação sexual. Por outro lado, um dos estudantes disse que apesar de sua família não ter falado com ele sobre sexualidade, ele se sente menos receoso de falar isso com seus futuros filhos/filhas.

Outra cena que trago para essa discussão foi quando discutimos sobre diversidade de gênero e sexual por meio do debate sobre o conceito de gênero, leitura de um texto intitulado Identidade de gênero: muitos modos de ser menino e menina e da exibição e discussão do curta-metragem, Eu não quero voltar sozinho. A cena é a seguinte:

[...] levantei o questionamento do que seria gênero. Levemente acanhados, poucos se manifestaram para responder essa pergunta. Alguns disseram que **gênero é homem e mulher, se referindo ao sexo biológico**. No decorrer do diálogo, **muitos caracterizaram gênero de acordo com o que meninos e meninas deveriam fazer segundo a sociedade, porém eles mesmos afirmaram que gênero não era apenas isso**, recordando-se da dinâmica ocorrida em um dos encontros anteriores, que desconstruía os **papéis delimitados ao “homem” e a “mulher” na sociedade**. [...] o fato mais marcante e, mais debatido em sala

no que diz respeito ao curta Hoje eu não quero voltar sozinho foi o beijo entre os dois atores adolescentes ao fim do filme. Para minha surpresa, **muitas meninas se posicionaram contra o relacionamento homoafetivo exibido no filme e muitos meninos foram a favor. Alguns defenderam que todas as formas de amor são válidas, já outros alegaram que a relação entre pessoas do mesmo sexo eram erradas.** Um desses alunos comentou que “**cada um sabe do que gosta, e que o importante é ser feliz**”, fiquei surpreso pela maturidade do comentário desse garoto, pois esperava uma reação aversiva de todos os meninos, devido à temática homoafetiva não ser bem aceita e, muitas vezes, sendo taxada como algo negativo pelos próprios/as alunos/as.

É rara a abordagem de gênero nas escolas, pois o que, em geral, se vê é a utilização do termo “gênero” para designar o sexo biológico e reafirmar a dicotomia característica dessa designação. O conceito de gênero ensinado em diversas escolas categoriza-o de acordo com os órgãos genitais, os quais são definidos desde o nascimento, porém, como afirma Louro (2008, p.18) “não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino”. O gênero e a sexualidade são construídos ao longo da vida, dia após dia, vivência após vivência, constante e incessantemente, portanto, a construção de gênero feita nas escolas acaba por ser limitadora e dicotomizante, em que os/as alunos/as são guiados a se adequar e pensar de formas pré-estabelecidas mediante ao seu sexo biológico. Conforme mencionado por Louro (2008):

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas (LOURO, 2008, p.18).

Essas reflexões me fazem pensar em alguns questionamentos: Por que eu como mulher não posso fazer isso e ele sendo homem pode? Por que diferentes formas de afetos são vistas como erradas? Será que tenho que seguir os padrões que me foram ensinados ou isso somente me limitaria como pessoa?

Outro aspecto importante a ser discutido foi sobre as compreensões dadas pelos/as discentes em relação à homossexualidade. É interessante ressaltar o quão pego de surpresa eu fui, após a exibição do curta. A maioria dos meninos se posicionou a favor do relacionamento homoafetivo, defendendo a validade de toda e qualquer forma de amor. Um exemplo é a fala de um aluno, em que ele afirma que “**cada um sabe do que gosta, e que o importante é ser feliz**” (Diário de bordo, **Grifo meu**). Talvez minha surpresa tenha ocorrido devido à existência de uma ordem regulatória heterossexual inserida na escola como norma, como corroborado por Louro (2000, p. 11) em que, segundo ela, “para muitos, ela não é somente a identidade

normal, mas é, antes de tudo, "natural", tornando a diversidade sexual e tudo que foge desta "norma" como algo propício a discriminação e rejeição.

Ao final do minicurso, as/os discentes mencionaram que falar sobre identidade de gênero ainda é um tema que apresentam restrições seja pela timidez ou vergonha ou mesmo por ser uma temática complexa.

Conclusões

Trabalhar com temáticas que discutam aspectos negados por uma grande parcela da sociedade é inquietante. Em relação à abordagem da temática puberdade e sexualidade em casa, é possível notar por meio das falas e vivências dos/as alunos/as que tais assuntos são velados ou negados, seja por vergonha, falta de conhecimento ou dificuldade, por parte dos familiares ou dos/as próprios/as discentes, tendo muitas vezes as vivências de terceiros como única fonte de conhecimento e elucidação de dúvidas. É preocupante a falta de abordagem da sexualidade no contexto escolar e social, especialmente, quando os governantes se negam a estabelecer disciplinas obrigatórias que tratem e contextualizem esse tema, dificultando assim o diálogo desses assuntos no âmbito escolar. Referente às questões de gênero, fui pego de surpresa pela reação contrária a esperada por parte dos meninos, isso devido a imersão em um mundo heteronormativo, preconceituoso e dicotômico. Após o minicurso, foi possível perceber que muitos dos preconceitos e negações ligadas à diversidade sexual e de gênero são oriundas do ambiente escolar e familiar, ditadas e ensinadas por outros/as alunos/as e familiares como o certo ou errado, aceitável ou não, e que essa doutrinação, muitas vezes, vai de encontro as próprias opiniões dos/as alunos/as, gerando confusão, e que devido ao receio de irem contra o desconhecido ou de serem considerados/as diferentes, é disseminado e passado a frente por esses/essas alunos/as.

Para um professor pesquisador, retratar o cotidiano dos jovens por meio de pesquisas e conseguir compreender e dialogar com aspectos relevantes para construção da criticidade desses jovens torna todo o tempo e trabalho dedicado gratificante e inspirador. Essa pesquisa possibilitou diversas vivências, indo de momentos como a quebra de estigmas e paradigmas até a construção de novas perspectivas.

Referências

- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 10/07/2016.
- BOCK, A. M. B.. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, Jun. 2007.
- CAVALCANTI, R.C. Adolescência. In: VITIELLO, N. et al. **Adolescência hoje**. São Paulo: Roca; 1988 p. 5-27.

- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade v.1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- LOURENÇO, B.; QUEIROZ, L. B. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista de Medicina**, v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010.
- LOURO, G.L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Campinas: **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, Aug. 2008
- LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 2000.
- LOURO, G. L.. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.
- MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O.. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2003, p.555-568.
- MINAYO, M.C S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H. et al. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.